



Itueta-MG e a singularidade de seus tempos e espaços

Narrativas da erradicação de uma cidade

José Luiz Cazarotto e Patrícia Falco Genovez

Abstract. – Itueta, a city in the east of the Brazilian state of Minas Gerais Brazilian disappeared under the artificial lake formed by a dam. Drawing on narratives of people who experienced that dramatic change, this study aims at reconstructing that experience and the associated feelings of a deep meaningful loss. The conceptual framework for interpretation of these narratives is based on De Duve’s notion of “singularity” as well as on theoretical findings of anthropology, psychology, and history. [*Brasil, Itueta, hydroelectric projects, singularity, public memory*]

José Luiz Cazarotto, *1949 em Rio Grande do Sul, Brasil; Dr. phil. em psicologia em 1997 (Roma); prof. de psicologia da religião no Instituto Teológico São Paulo (ITESP) em São Paulo, Brasil; diretor geral do Centro de Estudos Superiores em Juiz de Fora, Brasil (1998–2005); editor da *Revista Espaços* (São Paulo). Interesses especiais em educação e cultura, psicologia e rituais, religião e emoção. Publicações: *Cultura e as dimensões selvagens da alteridade* (Peter Duerr) (2000); *Religião e emoção: dimensões psicológicas do fenômeno religioso* (2004); *A crise das atividades insignificantes: o significado utópico das rotinas* (2006); *Tabernáculo Vitória. Um novo movimento messiânico: Novo?* (2010).

Patrícia Falco Genovez, *1970 em Minas Gerais, Brasil; Dra. phil. em História em 2003 (Universidade Federal Fluminense); profa. de História do Brasil e de Formação Histórica do Território no curso de História e de Território e Memória no Programa Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce; interesses especiais em formação histórica do território, memória, narrativa, história local, história oral e territorialidades. Publicações: *Território Sagrado: exílio, diáspora e reconquista Krenak no Vale do Rio Doce* (2013); *Migração, memória e território: Os descendentes de imigrantes italianos da Microrregião de Aimorés/MG* (2013); *A formação territorial de Coronel Fabriciano (Sede) e de Ipatinga (Distrito) entre as décadas de 1920 e 1960: afinal, quem são os Estabelecidos e os Outsiders?* (2013); *Entre o rústico e o moderno: a territorialização da medicina preventiva no Médio Rio Doce* (2012); *Flutuações de sentidos: memórias de uma identidade sespiana* (2012).

Introdução

A experiência humana da realocação da população e a erradicação da cidade de Itueta, localizada no Vale do Rio Doce, Minas Gerais.¹ Devido à construção da barragem de Aimorés, suscitou uma série de questionamentos por vezes até angustiantes, tanto para os que estudam este evento, como para os que o experimentaram em suas vidas. O evento em si envolve desde aspectos materiais até os imateriais menos palpáveis e visíveis à primeira vista. Dentre os primeiros, destacam-se, evidentemente, os de impacto econômico e, especialmente, os ambientais. Quanto aos segundos, se sobressaem os emocionais e os simbólicos; estas dimensões muitas vezes estão apegadas aos lugares e objetos e não são facilmente “transportáveis”, como se julga à primeira vista. Os vínculos que as pessoas têm com os lugares, com os objetos e mesmo com a paisagem são construídos pela vivência do cotidiano e muitas vezes são percebidos em sua importância com mais clareza, quando destruídos.

Os vários relatos colhidos em campo desnudam um objeto complexo que exige para a sua compreensão, antes de qualquer coisa, um olhar holístico e, portanto, interdisciplinar que proporcione uma aproximação do que podemos considerar como um

¹ Os efeitos da erradicação de Itueta foi o tema de um estudo de campo realizado em junho de 2011, por mestrandos e professores do Programa de Gestão Integrada do Território/Univale. Sobre dados mais pontuais de Itueta, ver Castro (2001).

fenômeno que beira à singularidade.² É claro que num processo de erradicação de uma cidade movem-se casas, endereços, prédios públicos e particulares com maior ou menor grau de acomodações. E nisto não se desconsidera a questão econômica. As pessoas também ao se mudarem de uma moradia para outra sofrem os efeitos psicológicos disto e a psicologia do espaço ou grupal e social poderia trazer uma palavra de colaboração tanto para compreender como para elaborar a experiência em si.

A história, no sentido amplo, também está envolvida. Afinal, a cidade teve um tempo de caminhada com seus diversos momentos que, de algum modo, ainda estão presentes “monumentalmente”. Mas, certamente, não se deve deixar de lado a dimensão antropológica – talvez mais aquilo que se convencionou chamar de objeto da antropologia cultural – uma vez que são ordens simbólicas, de sentido e mesmo de autocompreensão que estão em jogo. Não se destrói uma casa construída às vezes ao longo de anos e com grande sacrifício; uma casa em que os pais viram seus filhos crescer e eles mesmos passaram momentos felizes e tristes; não se destrói isto tudo sem destruir também um pouco dos seres que ali moram. O mesmo vale para a cidade como um todo; não se erradica uma cidade sem custos humanos. E isto, transparece nas falas que veremos adiante; por mais que se compense com coisas novas e novos objetos, a história e a identidade destas pessoas estão vinculadas às antigas.

É importante frisar que estamos considerando a realocação de Itueta como um fenômeno peculiar e original haja vista que, a cada processo de realocação, subjaz um processo histórico específico que vincula os indivíduos ao espaço e requer um dinâmico percurso de figurações que constituem uma espécie de amálgama.³ Algumas experiências semelhantes vividas pelo Brasil afora, certamente podem

pautar orientações, mas cada experiência em si, é única. Este vínculo entre o indivíduo e, posteriormente, entre o grupo e o espaço, ganha contornos próprios de acordo com o processo histórico que se estabelece, envolvendo inúmeras variáveis que nos levam a considerar como singular cada uma das realocações ocorridas no Brasil. E este não é um fenômeno desprezível, mesmo porque, de acordo com o Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB) já passa de uma centena os casos.

Esta singularidade ganha mais dramaticidade à medida que conjugamos todo o processo histórico de territorialização de um determinado grupo, num dado território, com o processo de desterritorialização, desencadeado pela construção de uma hidrelétrica.⁴ Não estamos lidando com um despovoamento lento ao longo de séculos. Entretanto, para as pessoas envolvidas, qualquer que seja o ritmo, é sempre um processo rápido demais. Ambos os processos, de chegada e de saída, não só possuem percursos específicos como, em função dessa especificidade, adquirem intensidades próprias e, portanto, resultados particulares em cada caso. A queixa de mal-estar e mesmo o desencadeamento de patologias que brotam deste desconforto são o testemunho disto.

De um modo geral, os estudos que versam sobre a construção de barragens e os impactos gerados antes, durante e após tais procedimentos tratam mais diretamente os aspectos ambientais e sociais e de sua intrínseca relação com o conceito de desenvolvimento sustentável; o que convenhamos, não é pouca coisa. Mas a transferência compulsória da população de um local pode ser considerada um grande impacto social e humano, como relatam alguns estudiosos do assunto.⁵

Poucos são os estudos que buscam acessar todas as dimensões envoltas num processo de realocação, especialmente, aqueles relativos às emoções e às desfigurações e refigurações das relações. A dificuldade está justamente em relacionar uma perspectiva metodológica mais afeita ao quantitativo com estudos qualitativos que emergem da Teoria Cultural, utilizada pelas Ciências Sociais, capazes de caracterizar por meio de distintos critérios e pesos a valoração dos impactos ambientais. Aqui temos algo já amplamente utilizado pelo mundo afora, isto é, os estudos das permanências e das mudanças nas pessoas, nos grupos e mesmo nas sociedades ante as catástrofes. Scott adverte para um viés um tanto

2 Vide adiante, as diversas facetas deste conceito a partir da obra De Duve (2005). No Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, singularidade remete “1. a qualidade ou propriedade do que é singular; 2. Ato, dito ou coisa singular; 3. Maneira desusada de falar ou proceder, extravagância, excentricidade; 4. Característica distintiva fundamental; particularidade, peculiaridade; 5. Qualidade do que é fora do comum, surpreendente, espantoso; 6. Qualidade do que não é usual; originalidade; 7. Ponto singular (Matemática); 8. Região do espaço-tempo na qual as conhecidas leis da física cessam de vigor e a curvatura do espaço se torna infinita”.

3 O conceito de figuração foi trabalhado por Norbert Elias ao longo de suas obras e contempla uma perspectiva processual a partir da qual se compreende organizações sociais, tais como família, escola, cidade ou estratos sociais, formadas pelas relações de interdependência entre os indivíduos. Dessa forma, os sentimentos e padrões de comportamento individuais são levados em consideração em igualdade com a análise de macroestrutura social.

4 Para uma melhor compreensão dos conceitos de território e desterritorialização numa perspectiva processual e integrada, utilizados neste artigo, ver Haesbaert (2004).

5 Almeida e Régis (2003); Bermann (1992); *Comissão Mundial de Barragens* (2000); Fearnside (1990, 1995, 1999); Kohlhepp (1999); Moret (2006); Sigaud (1993).

pernicioso – a visão de Estado – de se ver estes fenômenos não só grandes em termos de suas destruições, mas também grandes em termos de suas dores. A visão distante ou esquemática das instituições, muitas vezes – se não todas às vezes – não resolvem os problemas, e além do mais, deixam fora de suas intervenções, tudo o que for rejeitado por seus filtros (Scott 1998: 309 ss.).

Entretanto, dada a complexidade do objeto em foco, envolvendo múltiplas dimensões, faz-se necessário uma breve consideração sobre o processo de territorialização e desterritorialização da população da cidade de Itueta; para, num segundo momento, propormos uma aproximação da chave de leitura pautada na noção de singularidade, lançando mão de elementos do pensamento de De Duve, analisando mais detidamente os discursos de alguns informantes.

A decisão de utilizarmos apenas os relatos colhidos na pesquisa de campo para compormos o processo histórico que configurou a territorialização de Itueta pode parecer a uma primeira vista questionável se pensarmos nas exigências epistemológicas da História. Essa decisão tem duas razões: a primeira, diz respeito à historiografia sobre a região leste de Minas Gerais, onde se localiza a cidade de Itueta (Mesorregião do Rio Doce-Microrregião de Aimorés). Praticamente, inexistem estudos monográficos que possa embasar uma abordagem histórica consistente sobre a cidade em foco.

A segunda razão relaciona-se às nossas aspirações que, neste momento, não são tão ambiciosas que cheguem a formular propriamente um estudo profundo sobre a História de Itueta e, digamos com sinceridade, um estudo sólido sobre a sua experiência dramática contemporânea. O que pretendemos neste momento não é um levantamento exaustivo dos rastros históricos da formação desta cidade, e muito menos, nos interessa formatar uma História sobre tal processo, seguindo os parâmetros positivistas franceses. Propositadamente, não partiremos de uma “História Científica” de Itueta mas buscamos exatamente acessar as histórias que foram internalizadas por seus moradores e que permanecem na memória de cada um, conferindo identidade e ligando-os a um espaço que gradativamente, tornou-se um território e que sem pouco espanto virou um “cemitério sem defuntos”. Este acesso nos coloca mais próximos das prerrogativas da micro-história que, embasada no cotidiano das pessoas, ilumina detalhes e fatos corriqueiros que, por tais características, são comumente desconsiderados pelos manuais de História. Serão, portanto, os indícios que servirão de guias nas trilhas deste percurso (Ginzburg 1989a; Béguin 2005). Ressalta-se que tal per-

curso expressa um dado discurso que expressa uma percepção de tempo e de História com a qual os ituetenses organizam suas narrativas sobre a realocação. Será, portanto, essa percepção que nos interessará neste artigo.

A memória sem a História: pistas para um contexto

Os pequenos relatos sobre a história da cidade, expressos em forma discursiva, nos revelam uma dimensão mais ou menos clara da história percebida do processo de territorialização ocorrido; mas o que nos interessa são alguns elementos escondidos (Ginzburg 1989b). Neste sentido, a relação entre memória e história se torna central no desafio de uma escrita que almeja o discurso sobre a percepção dos informantes. Essa relação tem sido alvo de muitas discussões teóricas que questionam os usos do passado e da memória como pressupostos essenciais no ofício do historiador, enquanto articulador de um dado discurso historiográfico. Do ponto de vista historiográfico mais atual, descarta-se o passado imutável e busca-se o passado vivido, compreendido como processo que emerge de memórias constituídas numa dinâmica temporal que forja um tempo distinto entre o passado e o presente.⁶

Outro problema que se coloca é quanto à essência individual e/ou social da memória. A reatualização das teses de Halbwachs mostra o significado da memória na reconstrução do passado a partir dos quadros sociais do presente (Halbwachs 2006). Por outro lado, a filosofia do sujeito, proposta por Paul Ricoeur, mostra a eficácia da narrativa na elaboração de uma identidade do sujeito que ao compreender-se a si mesmo também se faz compreender pelo outro através do ato de narrar. Este aspecto torna a memória uma prática intencional que não só reconstrói o passado mas o revive ao deixá-lo vir à tona, expressando afetividades, lutas e identidades (Ricoeur 1991). É com estes pressupostos que trabalharemos os relatos colhidos em campo, lembrando que os mesmos expressam uma dada perspectiva do processo de erradicação que compreende visões de moradores de Itueta que participaram ativamente enquanto protagonistas dos fatos relatados e de outros moradores que não exerceram um protagonismo direto. Ao todo foram 10 relatos, alguns mais intensos, outros mais sutis. Entretanto, todos reveladores. O grupo pertence a uma faixa etária entre 40 e 60 anos; todos nascidos em Itueta. Os relatos ocorreram tanto na “velha” Itueta quanto na “nova”. Op-

6 Ricoeur (1997); Le Goff (1994); Nora (1993).



Foto 1: Itueta em 1948.



Foto 2: Itueta (mesmo ângulo da foto 1) em 2011 (Acervo: Senhor Pedro, informante; Acervo: OBIT/Univale, visita de campo).

tamos por não mencionar os nomes dos informantes uma vez que alguns temem certos enfrentamentos com o Consórcio.

Em termos espaciais, algumas informações e conversas, além da visita ao Centro Cultural da “nova” Itueta por ocasião do estudo de campo, nos permitem compor um cenário com três núcleos: ao norte da cidade, a colônia dos alemães; do outro lado do rio Doce, a colônia dos italianos; e o enu-

cleamento da sede do município. Este espaço, mais precisamente, passou a ser povoado a partir da chegada de um fazendeiro que adquiriu terras quando se deslocou de Palmas (Muriaé) para a região do Vale do Rio Doce. Ele e o grupo que o acompanhou buscavam novas possibilidades de investimento com a extração da madeira e o plantio de café, além de outros produtos agrícolas. Os relatos são organizados a partir de uma percepção histórica linear que

compreende o surgimento/origem, o desenvolvimento, o auge, a estagnação e a erradicação da cidade de Itueta.

O modelo de territorialização ocorreu, portanto, a partir de núcleos, formados por grupos de famílias produtoras. O ponto central da consolidação da sede e do desencadeamento da emancipação foi o desenvolvimento gerado entre as décadas de 1910 e 1950. Historicamente, sabemos que tanto a imigração alemã quanto a italiana data da segunda metade do século XIX, mas, neste caso, as levas de imigrantes alemães e de pomeranos chegaram ao Brasil logo após a Primeira Grande Guerra, quando muitas famílias aportadas no Espírito Santo acabaram avançando no território, se estabelecendo mais no interior e atuando na zona rural (Bassanezi 1995). Em Itueta, os alemães e pomeranos formaram a Vila Nietzel.

Do outro lado, na parte Sul, os imigrantes italianos formaram a Vila de Quatituba. Os imigrantes italianos, assim como os imigrantes estabelecidos ao Norte, também se estabeleceram na zona rural, com uma base familiar, numa comunidade onde os casamentos preferencialmente ocorriam dentro do próprio grupo (Nicoli e Siqueira 2012).

Para o escoamento da produção de ambos os núcleos e daquele que inicialmente se estabeleceu no que viria a constituir na sede do município, projetou-se uma estação ferroviária. Nas proximidades da próspera fazenda do fundador da cidade, formaram-se um povoado e, logo em seguida, a estação às margens do rio Doce. Deste ponto, em direção à colônia alemã eram aproximadamente 20 quilômetros e, em direção à colônia italiana, aproximadamente 11 quilômetros.

Os núcleos iniciaram um processo de aproximação que, pela fala de seus moradores, foi amplamente sustentado pelas festas. Nas datas festivas, com ocorrência mensal, os núcleos se encontravam e como descreve, de modo um tanto quanto idealizado, o informante Pedro: “era uma coisa que unia e tornava aquela comunidade uma família, num volume maior. Mas todo mundo vivia como se fosse uma única família”.

Todo o processo de territorialização no qual as famílias de alemães, pomeranos, italianos e aquelas oriundas da Zona da Mata estavam inseridos, gradativamente, levou à constituição de redes específicas e configurou relações sociais e de poder que perpassavam os três núcleos básicos. Tanto no meio rural quanto no meio urbano às margens da ferrovia e do rio, essas redes permearam o modo de apropriação do espaço e de alocação de cada membro do que viria a constituir essa “grande família” que se organizava com claros traços comunitários, conforme o discurso dos nossos informantes. Mais

uma vez a perspectiva idealizada de uma comunidade chama a atenção e, de certa forma, ameniza ou simplesmente desconsidera a existência de conflito no discurso dos informantes. A ideia da comunidade também serve como elemento homogenizador da própria construção da memória sobre os eventos e configura uma percepção única tanto do processo histórico quanto da relação dos moradores e, no caso, dos informantes a respeito da cidade, equalizando os níveis de afetividade e de trauma para todos os envolvidos no processo de erradicação.

Diante deste contexto amplo, apresentamos uma chave de leitura e alguns elementos gerais da experiência de erradicação de Itueta, tendo um foco mais atento aos detalhes e não tanto ao panorâmico. Será, portanto, a partir de indícios, a partir da fala de seus moradores, numa perspectiva que nos aproxima do historicismo, que buscaremos os elementos centrais da experiência do processo de territorialização e de desterritorialização de Itueta ante a sua nova fase; na realidade trabalharemos a territorialização, a desterritorialização de Itueta e alguns elementos da reterritorialização da “nova” Itueta.⁷

Com base na percepção de tempo linear expressa nos relatos, a História que os informantes revelam transforma os acontecimentos ocorridos numa sequência de causa-efeito, onde cada movimento ou personagem encaixa-se numa cadeia de eventos cuja narrativa é postulada nas permanências e nas continuidades, amarrando uma fase após a outra como se houvesse uma dada “naturalidade” ancorada nos fatos elencados. É uma História que é repetida entre os informantes, sempre desconfortáveis com o imprevisto da erradicação. Se pensássemos em termos epistemológicos, estaríamos diante de uma perspectiva positivista que é posta em xeque por um evento desestruturante que não encontra nos fatos e eventos anteriores um vínculo claro e objetivo.

Singularidade ante a face de Jano

Tendo isto em mente, apresentamos como uma espécie de chave de leitura o conceito de singularidade para em seguida olharmos com mais vagar e proximidade as falas das testemunhas oculares da história (De Duve 2005). Aliás, uma chave de leitura que apresenta uma sintonia com o Historicismo, no qual a contribuição do filólogo alemão Chladenius

⁷ Sob este aspecto retomaremos o trabalho, já referido na introdução. Ressaltamos que a gravação da visita a antiga Itueta, assim como as conversas com moradores foram gravadas e transcritas. Para evitar qualquer tipo de constrangimento àqueles que se dispuseram a relatar sua experiência, nos valeremos de nomes fictícios.

foi de significativa importância para uma elaboração historiográfica ancorada em depoimentos orais oculares que expressavam pontos de vista. Cientes das várias representações da história, os historicistas pautam suas técnicas de interpretação especialmente na hermenêutica com a intenção de postular um paradigma particularizante. A virada relativista marcada por Droysen, Dilthey e Simmel com a contribuição de Gadamer, Ricoeur e Koselleck recolocam a percepção da subjetividade na produção das fontes, no contexto em que foram produzidas. Para Dilthey haveria uma oposição entre as “ciências do espírito” e as “ciências da natureza”, contrastando posturas metodológicas distintas: as primeiras, compreendem; as segundas, explicam (Barros 2011: 107–152). Dada a complexidade do tema em questão, a erradicação de uma cidade, propomos uma aproximação e, quem sabe, talvez um entrelaçamento entre a explicação exterior dos fatos e a compreensão, perscrutando os fatos a partir dos sentidos, símbolos e vivências de um grupo de moradores que testemunharam tal processo. Dessa forma, o conceito de singularidade aqui utilizado será postulado pelas ciências da natureza no intuito de promovermos a aproximação entre a explicação e a compreensão, numa perspectiva interdisciplinar.

O belga, prêmio Nobel ao mesmo tempo de Medicina e de Fisiologia em 1974, Christian De Duve, em seu “Singularities”, elabora uma reflexão interessante na fronteira da filosofia e da biologia; mais precisamente, filosofia das ciências e evolução da vida. A pergunta de base não é tanto o modo como a vida se desenvolveu, mas perguntas relativas à compreensão deste fenômeno e principalmente, questões relativas ao que se poderia chamar de faces de Jano, isto é, à posição daquele deus romano que olhava ao mesmo tempo para o futuro e para o passado na fronteira do tempo: em dados momentos o autor se pergunta, onde estariam as bases para o surgimento de alguns fenômenos biológicos, uma vez que o estudo do que existia não dá conta de explicar o que passou a existir. A tais momentos surpreendentes ele chama de singularidades. Neste caso, Jano deverá olhar para o futuro não a partir de um presente que ele conhece, mas a partir de um presente cheio de surpresas que está sob os seus pés, mas que passa despercebido. Estas reflexões, com as devidas adaptações, podem ser de grande valia para o que temos em mente: apreender a compreensão da experiência da realocação de Itueta. Façamos, inicialmente, um sobrevôo panorâmico.

Certo dia, Antônio Silva, um hipotético morador de “nova” Itueta, foi dar um passeio nas ruínas da “velha” Itueta. Ficou ali sentado num banco, onde foi um dia a praça, mas que está agora à margem da

ferrovia, no meio de um arvoredo. Ali ele se perguntava sobre o que aconteceria: há mais de 80 anos atrás, com a construção de uns barracões e da estação de Itueta, começava uma cidadezinha que ao longo do tempo se emanciparia e ficaria conhecida pelos seus festejos e pela densa vida comunitária e amiga, a partir do discurso dos informantes.

Algumas coisas poderiam até ser previstas a partir disto: que o trem ao passar por ali parasse, recolhesse passageiros e comerciantes; que com o tempo, algumas pessoas passassem a morar perto da estação e com isto viessem escolas, igrejas, lojas, praças, ruas etc. Lá no seu início e mesmo ao longo de sua história, apesar do rio às suas portas, jamais alguém poderia imaginar o destino que estava reservado para a cidade: ser erradicada pela invasão das águas em virtude da construção de uma hidrelétrica. Isto não fazia parte dos sonhos da cidade. Mas, na primeira década do século XXI, sem que o seu passado pudesse lançar luz alguma sobre o que acontecia, a “velha” Itueta passou a existir como cidade-fantasma.

Esta dimensão de originalidade e de surpresa, segundo Christian De Duve, é própria da história da vida e o incrível é que enquanto singularidade, ela só pode ser compreendida a partir do seu acontecimento, isto é, olhando-se para trás. Christian De Duve diante do caminho da vida, que em termos de tempo é breve se olharmos para a complexidade a que chegou, apresenta o que o autor estipulou como sete tipos de singularidades.⁸ A questão, de certo modo, é sempre a mesma: por que afinal, aconteceu o que aconteceu? Estes sete tipos de singularidades não necessariamente se excluem, mas apresentam-se aqui, na linha da redução da probabilidade.

Alguns acontecimentos na vida da “velha” Itueta podem ser explicados pela *necessidade determinística*: podemos talvez ver que na própria história da cidade, se partirmos da estação e da relação desta com o seu entorno (mercadorias, galpões, fazendas etc.) que isto levaria à construção de um pequeno município. Até alguns eventos sociais, isto é, o lugar político que algumas pessoas assumiram se correlacionam: quem buscou a construção da estação se torna prefeito (Castro 2001: 27–32). Em termos sociais, não se poderia esperar algo diverso do que ocorreu, dado o fato de termos tido as imigrações e com os intercâmbios culturais ricos. Mas disto não decorre a sua erradicação e a invasão das águas.

8 A partir das reflexões de Christian De Duve (2005: 1–5), trabalharemos os sete tipos de singularidades: 1. Necessidade determinística; 2. Afunilamento seletivo; 3. Afunilamento restritivo; 4. Pseudo afunilamento; 5. Acidente imobilizador ou possibilitado; 6. Sorte incrível; 7. Projeto inteligente prévio.

O segundo tipo de singularidade é o que De Duve chama de *afunilamento seletivo*: dentre as diversas possibilidades a cidade fez escolhas levando em consideração variáveis diversas, dentre elas: derubar as florestas, exportar a madeira, acolher imigrantes, construir prédios, usar o solo para o café, para o gado etc.; tudo isto foi a decorrência de opções selecionadas dentre uma gama mais ampla. Mas não havia nelas o horizonte de uma erradicação da cidade e a invasão das águas.

Decorrente deste tipo de singularidade muitas vezes temos como consequência, o *afunilamento restritivo*, que por certo em parte até pode ser previsto: se eliminarmos as árvores teremos campos; se não soubermos como lidar com eles, teremos desertos. Se acolhermos imigrantes alemães, pomeranos e italianos teremos a influência de suas culturas, etc. O que foi feito com os recursos vindos das fazendas e das matas pode ter ensejado um afunilamento restritivo de não investimento em indústrias sustentáveis. Mas não está presente nisto a erradicação da cidade e a invasão das águas.

Na história da vida De Duve constata a presença dos *pseudo afunilamentos* que são os fenômenos que acontecem devido a contingências concretas. Neste caso, estas contingências que no conjunto até poderiam ser secundárias, passam a ser centrais por algo até fortuito. O porquê da chegada de muitos imigrantes e comerciantes pode ter sido, no início do processo de territorialização, simplesmente circunstancial: um convite, uma conversa, uma ambição vaga etc. Este tipo de singularidade pode ser um dos modelos explicativos da erradicação da “velha” Itueta. O rio estava ali, mas não era visto como um potencial invasor da cidade. Mas contingências até bastante exteriores à vida da “velha” Itueta foram os determinantes da sua erradicação.

O problema é que a decisão sobre sua erradicação e a compreensão sobre os seus efeitos não estão nem na relação de causa e efeito, nem nas opções restritivas ou seletivas. Neste caso, para as pessoas e para a vida da cidade é motivo de estranheza o fato de estas estarem simplesmente na exacerbação ou ampliação extremada de uma dimensão feita a partir de fora. A percepção deste *pseudo afunilamento* é que ele tem sua ancoragem alhures (Consórcio Vale-Cemig) e usa uma dimensão secundária (o rio) para os que moram no local, mas faz dela algo central, haja vista que implica diretamente na erradicação.⁹ Então, sim. No passado de Itueta havia o horizonte da invasão das águas; frágil e tênue, mas havia. Mas,

9 Não queremos aqui dizer que o rio Doce fosse secundário para Itueta, mas não era visto como uma ameaça.

por incrível que pareça, este horizonte tênue passou por uma distorção na visão dos moradores.

A vida também cresce ou se complexifica por um procedimento ao qual De Duve chama de *acidente imobilizador ou possibilitador*. Por definição, o acidente não é o buscado, mas é algo que não foi uma impossibilidade de tal modo que não ocorresse. E uma vez que ele ocorre, pode ser que as demais possibilidades sejam descartadas. Em termos da vida, ele nem sempre foi negativo. Até pode ser que ele tenha sido o fator que a tenha viabilizado. Diz-se que num determinado momento da história humana, os seres humanos foram reduzidos a alguns milhares e até pode ser que estes que sobreviveram, o fizeram por acidente, estavam num lugar errado para os demais, mas certo para os sobreviventes. Mais uma vez, na história ou nas circunstâncias da “velha” Itueta, a erradicação da cidade e a invasão das águas poderiam ter sido evitadas, mas não houve um processo suficientemente forte para que este acidente não ocorresse. A cidade não foi construída longe do rio o suficiente. Em algumas falas, das pessoas já se usa uma compensação psicológica que diz: “quem sabe não foi até melhor isto ter acontecido para superar a pasmaceira”, já que a cidade, desde a década de 1960 vivenciava uma estagnação econômica com perdas significativas de sua população.

Probabilidades remotíssimas acontecem na história da vida, mas não são coisas do cotidiano e do rotineiro. Esta ocorrência à qual podemos com De Duve chamar de *sorte incrível*, raramente as pessoas contam com ela. E quando acontece, ficamos realmente impressionados. Que a “velha” Itueta fosse erradicada e inundada pelas águas, não estava em projeto algum e nem no mais remoto dos sonhos de seus moradores, mas aconteceu. Por isso quando ocorreu, a impressão que tiveram foi a de um castigo ao melhor do estilo do ordálio, tal a surpresa.¹⁰ Mas não se pode dizer que a “velha” Itueta não comprara o número da loteria! Com uma probabilidade tão remota, ninguém acreditou quando ganhou.

A singularidade menos acolhida nos meios científicos, não porque não tenha pé e nem cabeça, mas por não se poder correlacionar as causas ou as situações com os efeitos é a que De Duve chama de *projeto inteligente prévio*. Mas ituetense algum jamais ouviu alguém dizer que havia um projeto – não pelo fato de existir o rio Doce – mas pelo fato de existir

10 Antiga forma de julgamento no qual o acusado era exposto a riscos físicos e que supostamente seriam inofensivos caso ele fosse inocente. Existência numa tensão entre duas saídas – sendo que uma delas vai acontecer – mas que não se sabe qual vai acontecer (Webster 1983: 1259).

Itueta, de que ela seria engolida pelas águas e erradicada. Não há nada na “velha” Itueta e nos ituetenses que remeta a esta singularidade; não há um discurso fundador que diga: fundamos esta cidade para daqui a um tempo ser erradicada e invadida pelas águas. Mas se alguém, numa situação de desespero falar de destino, sina, desgraça, castigo, influência astral e coisas assim, então ele está usando esta singularidade como explicação; o que acontece é tão fora de propósito que se julga razoável que haja um plano secreto por trás.

Em resumo, dependendo da mentalidade com que cada um lida, uma ou mais destas singularidades pode ser a chave explicativa da erradicação da cidade e da invasão das águas. Mas o mais interessante da proposta de De Duve é que ela remete a certo espanto com o resultado de um momento: Por que se abandonam ou se acolhem possibilidades? Por que um acidente é bem sucedido e determina uma história? Por que decisões tomadas longe, gestos assumidos sem relação direta alguma, geram os efeitos que passam a decorrer: um político, casualmente, lá em Petrópolis, manda uma carta para um outro político da oposição, e este, charmosamente, por ser de oposição, influencia na construção de uma estação não prevista e nem economicamente razoável?¹¹ Por que nos escritórios de empresas onde pessoas apenas sabem do nome de uma cidade, assinam um documento que muda toda a vida de milhares de pessoas? Um rabisco que gera um terremoto! Assim, como De Duve, enquanto biólogo se espanta com os efeitos de singularidades na história da vida, assim até o mais simples morador da “velha” Itueta deve estar até hoje se perguntando espantado sobre o porquê do acontecido.

Por mais que se busque levantar, analisar e compreender a história, neste caso, não é possível ao historiador mapear uma cadeia de fatos que, de alguma forma, configure um processo ou conjuntura que explique a erradicação da cidade. De fato, não só a Biologia se curva diante da singularidade da vida, mas também a História não está devidamente instrumentalizada para lidar com eventos-extremos como uma realocação. Será esse o motivo de certo silenciamento por parte dos historiadores? Será essa uma dificuldade herdada das análises de cunho estrutural? Mesmo assim, assumimos os riscos de uma contribuição, mesmo que pequena, em função da urgência de uma narrativa sobre o fato.

Um inimigo mora sempre perto demais¹²

Iremos, portanto, ouvir as vozes dos que passaram pela experiência da erradicação e da mudança.

O pequeno povoado que deu origem à futura sede do município seguiu um processo histórico cujas linhas gerais apresentamos acima, e que fora descrito por um dos informantes que chamaremos de João. Deste modo, ele conta:

Não sei se a minha família é a mais antiga [referindo-se à sede do município] ... A família veio ... de Palma (Muriaé) e veio em caravana e se estabeleceu. Era uma época em que a região extraía madeira e o objetivo deles foi a madeira. Ali meu avô fez a fazenda e ao redor dela se formou o povoado. Em 1948 conseguiu-se a emancipação de Resplendor. Na época havia 15.000 habitantes. Se exportava café, ..., mel e toda essa região experimentou o progresso. Na década de 1960 e 70 acabou-se a madeira e aí, então, veio a decadência e toda a família do meu avô já estava instalada lá. Ele voltou para Muriaé mas os tios ficaram. Eu saí para estudar, depois voltei. O que marcou na infância era a colônia do Norte de Itueta que comercializava em caravana o que era produzido. Eu saí, estudei, trabalhei e voltei, logo em seguida, iniciou-se as negociações para a barragem de Aimorés. Formou-se uma associação que durante dois anos e meio lutou e fez um contrato com todos os detalhes com questões sócio-econômicas até questões práticas do meio ambiente ... Só lembrando um detalhe, quando meu avô chegou já existia um núcleo habitacional em Quatituba [hoje, distrito de Itueta] e a colônia alemã.

A história contada por João entrelaça duas histórias: a pessoal e a da cidade. Pode ser lida como típica: um lugar ermo, chegada de pessoas (caravana), atividades de subsistência, constituição da vila, do município, desenvolvimento, decadência. É uma história de sucesso pessoal e social; é uma história da economia, talvez até mais a história de uma “profissão”. Parece que não tem gente; não temos mulheres em ação, por exemplo. Para no vazio – eis uma singularidade? – da chegada da barragem de Aimorés. A associação luta 30 meses, mas pelo silêncio, há aqui uma derrota.¹³ A linha de leitura da história acima é a de sucesso (pelo menos aparente), quando aparece o fracasso, não há mais narrativa; no discurso produzido, não se conta histórias de derrotados. A lembrança de Quatituba e da colônia como algo que já existia antes do avô, parece dizer

¹² Provérbio africano.

¹³ Conforme depoimento colhido em campo, logo após os primeiros contatos feitos pelo Consórcio, ainda em 1993–94, foi solicitado que os moradores formassem uma Associação. Esta esteve à frente das reivindicações e das negociações até que o Consórcio passou a negociar diretamente com a Prefeitura e com a Câmara de Vereadores.

¹¹ Ver Castro (2001: 27–32). A Estação foi construída em 1927, no quilômetro 230 da Estrada de Ferro Vitória-Minas, depois de uma manobra política do coronel Osório que solicitou a construção através de uma carta enviada ao presidente Arthur Bernardes, do partido de oposição. A cidade emancipada em 1948, com dois distritos: Itueta (sede) e Quatituba.



Foto 3: Itueta na década de 1990.

ou apresentar-se como uma desculpa de que ele não teria sido o culpado de tudo ou pelo menos daquilo que fora silenciado: da erradicação. Mas Quatituba apesar de compor uma história paralela enquanto distrito subsiste e é lembrado. Mas o inesperado – o singular – da erradicação se instala no seu discurso; não havia no passado nada que o previsse. Ermo, fazenda, sucesso não desembocavam em termos de sonhos ou de projeto, no fracasso.

Complementando a história narrada por João, outro informante, Pedro, trouxe novos elementos:

Do que João falou, me resta pouco a falar. Eu conheço bem detalhadamente e sempre fiquei atento a tudo que acontecia. Então as festas que nós tínhamos nós não temos mais. Nós tínhamos uma festa todo mês, rigorosamente nós tínhamos uma festa todo mês. Eram festinhas simples, dentro daquilo que a gente tinha possibilidade mas era uma coisa que unia e tornava aquela comunidade uma família, num volume maior. Mas todo mundo vivia como se fosse uma única família. Essa tranquilidade aqui não existe. A convivência, aquele calor humano que havia na velha Itueta deixou de existir.

Não deixa de ser estranho que apesar de falar de algo tão importante – a marca registrada da “velha” Itueta – ele não diz, não consegue nomear, quem afinal ou o que foi a causa deste fim. No caso de singularidades – como vimos acima com De Duve – há certo suspense entre o passado e o futuro, ou pelo menos, no presente. Pedro não fala – em termos de discurso – de algo eventual, fala de algo normal, vital, inserido na vida e no cronograma. Como é que ele não dá os nomes às causas do fim. Uma “grande família” desaparece, cai no vazio do inexplicável. Novamente, olhar para a narrativa da história per-

meada pela singularidade, por mais ricos e pertinentes que sejam os seus elementos, eles ficam órfãos. Mas afinal, não são as mesmas pessoas? Não é, genericamente falando, a mesma família? O discurso sabe falar do passado, mas não consegue estabelecer a ponte do passado com o presente. Por quê? “Me resta pouco a falar”. A dificuldade expressa na fala de Pedro nos remete a um entrelaçamento significativo entre memória, história, tempo e espaço. Em outras palavras, é importante termos em mente que “se o espaço se transforma e as referências espaciais se perdem na dinâmica incessante do tempo, os homens perdem seus elos, sua base identitária e a substância de sua história” (Delgado 2003: 14). Partindo dessa premissa, “as estruturas narrativas têm valor de sintaxes espaciais”.¹⁴

Em 1993, de acordo com Pedro, foram feitas as primeiras visitas de engenheiros de um consórcio estabelecido entre a Vale e a Cemig¹⁵ que visava a construção de uma hidrelétrica em Aimorés. Com a formação do lago, seria necessária a transposição

14 Certeau (2011: 182). É inegável o quanto a memória contribui para a constituição de categorias espaciais. Para um maior detalhamento sobre este entrelaçamento ver Holzer (2000: 111). Essa aproximação é um tanto quanto valorizada pela geografia humanista produzida por Lowenthal, posteriormente, retomada por Tuan. Para esse último autor, nossas experiências e aspirações pessoais encarnam-se em lugares que devem ser compreendidos segundo o significado que lhe são conferidos. Nesse sentido, destacamos as obras: Lowenthal (1961) e Tuan (1974).

15 A Vale S.A., antigamente Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), com sede no Rio de Janeiro, é uma das maiores indústrias mineiras do mundo. A CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais S.A.) é uma empresa do setor energético com sede em Belo Horizonte MG, Brasil.

de Itueta para outro lugar. As impressões de João, sobre a questão, podem complementar as informações acima:

Se eu pudesse fazer um resumo, eu diria o seguinte como participante do processo: eu acho que a população da sede de Itueta em termos de indenização teve a ganhar e num geral foi remunerada. Sobre a questão psicológica, a cultura, abandonar costumes ... houve algum sofrimento, sente [a população] saudade, mas nada extremo porque todos nós estávamos em busca de uma oportunidade porque com a decadência não havia emprego, não havia movimento e achamos que esse evento poderia melhorar. Então, isso ajudou um pouco no processo. Sente saudade, tudo mais ... mas, não foi traumático digamos assim. A não ser talvez por uma questão até pitoresca que é a questão do cemitério que, passados 10 anos não decidimos o que fazer. ... até hoje é o cordão umbilical que existe lá. Então do ponto de vista financeiro nós fomos bem recompensados. Agora, eu acho que houve um incrível engano em termos econômicos e de sonho do futuro dessa comunidade aqui, porque, viemos para um lugar teoricamente 100% esgoto tratado, asfaltado, tudo lindo mas viemos pobres como éramos. ... Construiu-se muito às pressas ..., as casas não tem estrutura e nem coluna, só tijolos. Então, a maioria já está rachada e em área de aterro ... refaz, daí a pouco, está rachado.

Vale a pena olhar mais de perto para este discurso cheio de elementos que revelam um pouco o clima em que as pessoas viveram e talvez ainda vivam. Há uma clara pendularidade: houve uma indenização mas houve sofrimento; estamos numa cidade nova e moderna, mas nosso “umbigo” ainda está amarrado na antiga (cemitério); ganhamos uma cidade nova mas somos pobres; as casas são novas mas são frágeis; estávamos na decadência e esperávamos um futuro promissor mas isto não aconteceu. Quando João falava da história da cidade, não havia neste relato nada de surpreendente, que não fizesse parte de planos, projetos e expectativas. Agora, Pedro fala da relação da cidade nova com a antiga; das pessoas que viviam na antiga e que vivem na nova e parece que falta algo que conecte as duas. É como se um “acidente” tivesse ocorrido: algo que não era esperado ou que quando aconteceu, recebeu a mesma leitura que o João fez da “velha” Itueta, mas esta leitura não deu conta da experiência traumática da erradicação e da invasão das águas. Ele até traz alguns elementos da singularidade: casas novas e ruas asfaltadas, saudades, etc., mas não deixa de chamar à atenção que a chave de leitura da “velha” cidade era a vida das pessoas. Sua narrativa, agora, está falando apenas das circunstâncias e parece que as pessoas ali são secundárias: sofrem, mas quê fazer? Este parece ser o elemento central da próxima fala, mas em claro tom de desconforto. Em termos

antropológicos, não deixa de ser de extrema significação que eles não tenham conseguido transferir o cemitério e no discurso ele não remete à morte, mas ao nascimento. Enquanto o cordão umbilical não for cortado – e quando o será? – a “nova” cidade não nasce. Nos termos de De Duve, temos aqui um afinilamento restritivo de uma dimensão ou de uma invariante antropológica? No discurso produzido pelo grupo de informantes sobre a percepção da erradicação temos uma questão central: É uma cidade que não quer nascer ou uma cidade que não quer morrer? Ou, que preferem morar lá, ainda que como defuntos? Neste caso, estamos lidando com limites internos – tanto em termos de dimensão psíquica das pessoas como em termos da dimensão social da nova cidade – que levam a uma opção no mínimo estranha.

Retomando as palavras de Pedro, João faz um paralelo entre as festas da “velha” Itueta e as da “nova” e configura um cenário distinto e complementar àquele produzido por João:

A convivência, aquele calor humano que havia na velha Itueta deixou de existir. Tanto que todo mundo desde que veio pra cá não colocou sua vida no lugar, então chega à tarde não tem os encontros na praça mais, que era o ponto de referência. Então todo mundo sete horas da noite, todo mundo, encontrava todo mundo. Todo mundo chamava [“nova” Itueta] cidade das filas porque havia aquela rede da Cemig ... os postes certinhos ... então todo mundo caçava a sombra. Não era fila pra nada era só para esconder do sol. Não tinha uma árvore. O sol aqui é muito forte, lá já tinha uma proteção.

Aqui parece adequado questionar-se: afinal, do que João está falando? Há uma espécie de caleidoscópio com várias imagens ainda na dinâmica da pendularidade: festa, praça, proteção do sol, círculo de pessoas, encontro, árvore *versus* poste, sol, fila para nada, descampado, fila de pessoas ... Mas o central: “não colocou a vida no lugar”. No fundo esta é a queixa: as pessoas não se localizaram. É claro que isto não se deve apenas ao processo eventualmente rápido da mudança. Se tentarmos um paralelo, verificamos que nos processos imigratórios, as pessoas chegam no local de destino e mesmo que se vejam no meio da floresta e se “deslocadas” não há queixa, afinal, isto fazia parte de um horizonte. No caso de Itueta, não. Esse horizonte não fora sequer pensado anteriormente.

Agora, pelo que deixa entrever o discurso de João – relacionado com o de Pedro acima – a ausência de festa remete à lembrança de uma experiência, de algo que não há mais. Mas não poderia haver? Por que afinal as pessoas não festejam mais? Assim, como o tema do cemitério acima, o tema da

festividade pelo seu sentido antropológico e mesmo social, mereceria uma atenção especial: a festa não só organiza o tempo com um sentido acima da rotina, mas ela dinamiza relações e proporciona experiências densas.¹⁶ Não é à toa que elas são vistas como a chave do que se perdeu, e talvez fossem elas o caminho da refundação da cidade. Mas quem sabe antes – e volta a invariante antropológica novamente – devesse a população passar pelo seu funeral, pela festa do luto.¹⁷ Este é o assunto dramático da fala a seguir:

Em meio ao cenário da “velha” Itueta, Pedro fala do crescimento das árvores, apagando qualquer vestígio e impedindo o trânsito dos antigos moradores, revelando outras nuances sobre o processo de des-territorialização, vivenciado por todos.

Eles plantaram em cima dos entulhos. O Ibama^[18] exige que seja replantado e não houve a manutenção. Nós ainda identificamos algumas coisas por causa das árvores. Há uma reivindicação que eles podem reabrir as ruas, pelo menos uma passagem para os antigos relembrar. Claro que vai trazer muita tristeza mas tem gente que gosta de relembrar aquele tempo. Nós que nascemos aqui e fomos criados aqui, a gente tem aquela imagem que não sai da cabeça da gente. A nossa história, dos mais antigos ficou interrompida, praticamente. Porque reiniciar em uma vida nova é muito difícil. Os novos se adaptam com facilidade num lugar diferente. Mas, pra nós ... já éramos moradores radicados aqui há tantos anos ..., tanto faz sair daqui pra uma nova Itueta ou ir pra outro lugar qualquer. Prá nós era a mesma coisa (?!). Prá nós não íamos nunca esquecer nossas raízes ... porque desde criança nós sabemos da história toda com detalhes. Inclusive, escrevi porque lá [em “nova” Itueta] a gente ficou meio no início com muita tristeza porque a única coisa que fazia a gente pensar que estava em Itueta era a presença da população e as mesmas caras. Mas ruas, casas ... não tinha nada a ver com a nossa Itueta, principalmente a Igreja que causou uma grande revolta na população. Nós tínhamos aqui a reivindicação dos próprios evangélicos que não desmanchassem a igreja. Só pegaria um pedacinho da sacristia lá no fundo, o resto todo ia ficar intacta. Ela podia permanecer de pé, inclusive para turismo, eventos. Nós fizemos reivindicação na época pra eles deixarem o grupo escolar de pé que

não ia atingir. Então ali podia ser feito uma espécie de lugar de convenção, um ambiente de convenção. A Igreja que era tido como histórica no estilo meio rococó, meio barroco ... mas coisa muito antiga, era muito bonita. Os próprios evangélicos fizeram reivindicação pra não derrubar e ficar um marco. Mas o Consórcio não aceitou nada e as autoridades da época aceitaram tudo que eles estavam propondo. Infelizmente nós estávamos sendo expulsos daqui. Ninguém queria sair daqui. Nós sabíamos que tínhamos que sair porque não era Itueta que iria impedir que uma hidrelétrica fosse construída mas não havia necessidade de conduzir o empreendimento como foi. Se tivesse sido feito paulatinamente, com tranquilidade, dando condições pra todo mundo sair daqui com condição igual ao que a gente tinha aqui. Lá havia possibilidade de fazer a cidade com o mesmo traçado. Esse era um sonho dos antigos mas infelizmente foi totalmente atropelado. O Plano Diretor da cidade que nós queríamos não foi ouvido. A Câmara de Vereadores na época não aceitou a opinião da população. Nós fizemos movimentos, diversos movimentos aqui, fomos a reuniões do Plano Diretor da nova cidade, fizemos pedidos a vereador e ainda nos pressionaram pra gente sair daqui da noite pro dia. E isso também não era o acordo feito. O acordo era que depois que todo mundo tivesse lá, então começaria a destruição. Não houve ... simplesmente entraram num acordo às portas fechadas, de tal maneira que a Prefeitura fechou as portas aqui de tarde, noutra dia abriu na nova cidade. Mudaram de noite, aí ... então a população que ficou aqui, ficou sem aquela uma coisa de defesa. Quem podia nos dar um apoio grande pra ficar aqui e ir pra lá só depois que tivesse 100 % organizado de acordo com aquilo que tinha feito nos termos do compromisso, né? Porque foi feito um termo de compromisso só que eles alteraram tudo aquilo que tava no termo e as autoridades foram aceitando. De repente saiu a cidade sem estrutura boa. Agente costuma dizer que foi “PP” que atrapalhou: o padre e o prefeito. Saiu o nosso escudo ... acabou! (Quem era esse padre na época?) José Ribeiro de Freitas e [ele] não aceitava opinião nossa. Eu mesmo até briguei com ele com a questão da Igreja por causa desses detalhes. Eu briguei com ele porque eu pedia a ele ... eu era na época líder religioso ... então eu falava com ele: Padre, divide essa responsabilidade com a gente, chama a comunidade, vê o que a comunidade quer, pega a opinião da maioria e faça aquilo que a comunidade tá pedindo. Mas, não ele simplesmente quis. O padre era um líder religioso, né ... tava à frente.

Temos nesta fala dois fios condutores: um primeiro é a sensação de impossibilidade de elaboração da perda e o segundo é a sensação de abandono.¹⁹ “Nós que nascemos aqui e fomos criados aqui, a gente tem aquela imagem que não sai da cabeça da gente. A nossa história, dos mais antigos ficou interrompida, praticamente”. Há um cadáver inse-

16 Para uma discussão sobre a importância da festa numa perspectiva histórica ver Silva (2000); quanto à questão dos processos de luto ver, por exemplo, Lock (2007: 301 s.); quanto ao ritual e memória ver Cole (2007: 116–118).

17 As convergências das dimensões antropológicas e psicológicas nos rituais tendem a deixar claro que nos ritos funerários temos duas dimensões ao mesmo tempo, pelo menos: a questão da elaboração da perda para os vivos e a questão da vida após a morte para o defunto (que de algum modo remete à esperança para os sobreviventes, donde a dimensão de festividade). – Rappaport (1999: 230 ss.).

18 Em 22 de fevereiro de 1989, foi promulgada a Lei nº 7.735, que criou o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

19 Em linhas gerais, a elaboração da perda e a emoção decorrente – em termos rituais – são proporcionadas pelos ritos funerários mais ou menos complexos (Bayard 1996: 43 ss.).

pulto esperando por um cemitério; a companhia arrasou a “velha” cidade e a cobriu como um túmulo, mas parece que os cadáveres ficaram de fora. É muito comum no velório as pessoas demorarem a fechar o caixão. A experiência de luto é variável para cada pessoa; para umas as perdas levam mais tempo para serem elaboradas. No relato fica claro que a Empresa lidou com o “cadáver” como se fosse uma agência funerária: quanto antes ele fosse enterrado, melhor. Já para as pessoas, está sendo o contrário: quanto mais ele permanecer insepulto tanto mais se tem a sensação de que a pessoa não morreu totalmente. Mas é preciso ter em mente que o cemitério existe não somente para os mortos, mas principalmente para os vivos.²⁰ É ali o lugar da elaboração, do choro, da lembrança e também do lugar onde se toma ciência de que a vida continua e da necessidade de horizontes. Por isso na fala há tanto a presença da perda como um certo clima de resignação. Para a empresa aquilo ali era um espaço a ser cuidado em termos do que o Ibama requeria: reflorestar.²¹ Para as pessoas ali fora o lugar em que elas nasceram, viveram, sofreram, se alegraram. Ali fora o lugar de suas vidas: não mereciam então que alguns monumentos fossem preservados? No discurso, inclusive, há um aspecto mais social que pessoal: manter alguns edifícios como monumentos da vida da cidade. Não deixa de ser estranho, pelo discurso, que houvesse tanta insensibilidade a estes elementos óbvios.

Uma segunda linha de raciocínio quanto à experiência se refere a uma certa sensação de abandono pelas autoridades – religiosa ou social e política – que gerou a percepção de que as reivindicações da comunidade não eram ouvidas. De qualquer modo, há uma sensação de crises de tempo – os compassos não eram os mesmos – em que o procedimento, mais especialmente, a rapidez da erradicação não era percebida do mesmo modo (Elias 1998). É claro que para as pessoas a mudança seria sempre rápida demais; não se abandona tudo assim sem custos. Já para a Empresa, o tempo corria contra ela: tudo era para ontem.

De qualquer modo, há agora um tempo de luto. Quanto tempo vai demorar? Ninguém sabe. Pode ser até que o luto não dê conta da luta interior de cada um e a morte dos moradores venha antes do

início das novas festas. Mas de qualquer modo, sem luto não há despedida. Talvez ... depois disto, as pessoas possam voltar a celebrar a vida – mas elas ainda têm seu cordão umbilical preso lá no “antigo cemitério” – e vão precisar sair das filas “prá nada” (dos postes alinhados) e encontrar de novo a praça e a proteção das árvores. Por enquanto, resta apenas a lembrança da “velha” Itueta.

No local onde se localizava a “velha” cidade, outro informante, José, buscava retomar, em meio à mata que já crescia a cidade existente em sua memória. Sem qualquer vestígio aparente que acusasse a existência de uma cidade no local, José caminhava por entre o cascalho, o matagal e algumas árvores, mostrando uma cidade invisível.

José: O cartório ficava naquela moita verde que está lá.

Estudante: Há alguma movimentação quanto a um resgate [da memória]?

José: Não sei de nada, não. Temos visto o aumento do alcoolismo, por causa da falta de emprego. A propaganda foi muito bonita mas ... Nessa posição morava o Pedro.

Estudante: Há mais alguém que conhece essas localizações?

José: Tem o Pedro.

Estudante: As crianças têm algum tipo de ensinamento sobre essas localizações?

José: Não. Aqui era a praça. Perto, aqui era minha casa. Tinha mil metros [quadrados] de terreno. Acabou tudo. O pé de manga era festa todo ano para os alunos de escola. Estudante: Ele se localiza pelas árvores. A gente fica comovido pelo seu sentimento.

José: Aqui seria a rua Ana Maria. A rua principal era a Coronel Osório.

Estudante: A mata demorou a tomar conta aqui.

José: É ... tem mais movimento dos pescadores nesse local. Temos a Agência Bancária, comércio e a Praça Castelo Branco. A água da inundação está chegando ao centro da cidade. A praça era aqui. Dava pra ter deixado a praça ... bonita a vista da noite.

Estudante: Foi tudo de repente, Sr. José? Um dia tava construído, noutro dia tava tudo acabado?

José: Eles não cumpriram o combinado. Era pra construir a cidade primeiro mas fomos levados de qualquer maneira.

Estudante: Quanto tempo demoraram pra demolir?

José: Pouco tempo. Menos de um mês já tava tudo lá demolido.

Estudante: Mas, aí vocês foram prá onde, porque lá ainda não estava pronto?

José: Ai, eles aceleraram lá mas teve gente que foi pra Resplendor.

Estudante: O aluguel foi financiado por eles?

José: Foi. A estação era aqui e foi transferida pra cima. Aqui tinha duas ruas que foram inundadas e a linha também. Tinha mais três ruas que ia[m] até ao rio. Tinha a rua ... não me lembro mais o nome.

Estudante: Essas árvores foram reflorestadas?

20 O ser humano é o único animal que lida com fogo e enterra seus mortos. O lugar dos mortos – cemitério – por mais variados que sejam, é um fenômeno humano universal (Bayard 1996: 43).

21 Não deixa de ser espantoso como instituições burocráticas são incapazes de representar adequadamente a complexidade real tanto dos processos naturais como sociais (e com isto, agir adequadamente). – Scott (1998: 262).

José: Aqui, o que tem foi plantado pra evitar o trânsito.

Estudante: Quanto [por cento] foi inundado?

José: Acho que uns 30 %.

Neste diálogo, o mais interessante é a distância entre o que José fala e experimenta e o que o Estudante está perguntando ou está interessado. É um exemplo claro do encontro – ou da distância – do mundo acadêmico com a vida. Somente lá pelo final da entrevista as perguntas se alinham com a experiência. José está num processo de dor e de sofrimento e o Estudante está preocupado com dados ou com preencher alguma ficha. Novamente, voltam os temas da impossibilidade de elaboração da perda, da busca por indícios da sobrevivência.²² Há uma clara sensação de que antes da “vida nova na nova cidade” esta aqui deve cumprir ainda um papel de lembranças, de ancoragens e mesmo de referências. Dentro da ótica de De Duve, temos aqui a sensação da singularidade, da surpresa e fica-se com a sensação do inexplicável. Como no caso de um acidente, não tem explicação ... Mas, de acordo com Victor Turner, como todas as questões que o cérebro elabora necessitam de uma resposta então busca-se ou inventa-se uma, seja ela qual for (Turner 1983). Por trás destes discursos temos claramente eventos sem respostas; ou pelo menos, não têm respostas a partir do “baú de ossos” que a cidade e seus habitantes armazenaram ao longo de quase um século.

O processo de desterritorialização na perspectiva das mulheres da comunidade também revela uma narrativa dramática.²³ No conjunto, elas percebem – pelo que se depreende de suas narrativas – o processo como uma espécie de cerco-asfixia e como um solapamento. A empreitada do Consórcio Vale-Cemig, provavelmente, dentro de um plano mais ou menos organizado e planejado, inicia as obras dos dois lados da cidade e ao mesmo tempo, literalmente, erradica as casas. A experiência disto é que há um cerco que aos poucos – e às vezes não tão aos poucos assim – vai se fechando de um modo inexorável. É um estado de sítio; e tal qual pessoas em estado de sítio lembram que a comida um dia terminará as mulheres da comunidade também percebem, angustiadas, o fim. Ao mesmo tempo, elas experimentam o modo como as casas são derrubadas, logo após os acordos de indenização; eles soam como sentenças de morte. Talvez o Consórcio nem tives-

se a intenção de encenar o trágico – ou uma tragédia – quisesse simplesmente ganhar tempo, mas as pessoas simplesmente viam no que acontecia com os demais, uma espécie de prévia para o que aconteceria para elas.²⁴ As falas das mulheres dão conta de mundos mais internos, ligados ao mundo da cozinha – inversamente dos discursos dos homens acima que apesar de lidar com o desconforto, vêm o processo de um modo mais panorâmico. E isto tinha uma razão de ser, afinal, independentemente da dimensão cultural que o espaço da casa ocupa, algumas delas lidam com doces. Destruir a cozinha, a casa é o mesmo que destruir os seus meios de sobrevivência. Há com isto uma espécie de uma dupla asfixia: da cidade e das doceiras.

A primeira a falar foi Maria. Ela nos forneceu um panorama da realocação da cidade e relatou um pouco mais sobre a associação de moradores que passou a vivenciar a mudança em tempo integral; o que gerou até mesmo atropelos na vida pessoal dos envolvidos. Em seus relatos, após o primeiro contato em 1993, apontado anteriormente por Pedro, outros se seguiram, mas sempre em caráter esporádico. No ano seguinte, em 1994, o Consórcio solicitou que a população se organizasse para efetuar a transferência da sede da cidade. Mas, como não houve uma continuidade nas conversas, os moradores consideraram que seria desnecessária uma organização consistente.

Com o passar do tempo, os contatos foram se tornando mais frequentes e no cotidiano pacato da cidade podia-se ouvir ao longo do dia explosões feitas nas pedreiras adjacentes, especialmente, quando a Vale já havia iniciado a transferência dos trilhos da estrada de ferro em cidades próximas que também seriam afetadas pela construção da hidrelétrica. Neste momento, a população percebeu que havia se formado uma espécie de cerco: “de um lado, a construção da barragem, de outro as obras da Estrada de Ferro que tinha seu traçado alterado; agora passaria no meio da parte urbana de Itueta”.

Quanto mais as obras se aproximavam da cidade, mais o sentimento de impotência crescia e foi, justamente, neste momento mais crítico que o Consórcio iniciou a efetivação da transferência de Itueta. Essa situação trouxe, segundo Maria, um sentimento geral de impotência e quando o Consórcio abriu os trabalhos de negociação efetiva da transferência, ficou difícil organizar algum tipo de resistência.

22 Há um claro despertar em muitos campos de contato entre a psicologia e a antropologia, daquilo que está sendo convencionalizado como *linguistic turn*, ou mesmo, *narrative turn*. Como exemplo, veja-se Miller et al. (2010).

23 Assim como no caso dos relatos masculinos, também nos referiremos às senhoras que falaram sobre a realocação com nomes fictícios.

24 Burke lidando com esta dimensão do trágico, parte da dialética, isto é, no processo pelo qual se fala “de coisas em termos de outras coisas”, ou melhor, através de outras coisas. A tragédia, portanto, é um ato que fala para além dele mesmo (1969: 38).



Foto 4: “Velha” Itueta (2012; Acervo: Centro Cultural de Itueta; Fonte: Google Earth).

O Consórcio solicitou que a comissão discutisse o local para a instalação da nova cidade e negociava com a Prefeitura e com o padre a retirada da sede do poder municipal e religioso. Sem dúvida, o prefeito e o padre eram as maiores referências dos moradores. Paralelamente, iniciou-se uma negociação com a população situada às margens da ferrovia e do rio. Eram casas e casos mais simples. Para este grupo a oferta de uma casa nova e a possibilidade de receber indenização por cada planta ou árvore do quintal pareceu sedutor. Uma vez decidido o local onde se estabeleceria a nova cidade, o consórcio iniciou os trabalhos de aterramento ou nivelamento e abertura de ruas. O grupo de moradores solicitou que se mantivesse o traçado da velha cidade mas, em virtude das características do relevo, não foi possível. À medida que as novas casas eram construídas na nova cidade iniciava-se [sic] as negociações na velha Itueta. Os moradores ribeirinhos, já seduzidos foram os primeiros a negociar e aceitar a sua retirada. ... a cada caso de negociação os tratores entravam na cidade e demoliam a casa daquele morador que aceitara, levando o caos ao cotidiano dos vizinhos. As retroescavadeiras pareciam retirar até os alicerces das casas ... em minutos não sobrava nada. Essas ações geravam um sentimento de fim do mundo para todos ao redor. Aquele antigo vizinho não estava mais lá ... não fazia mais parte da comunidade.

Dentro da perspectiva da singularidade que estávamos considerando acima, vemos claramente que a lembrança dá conta de uma experiência insólita, cuja solução, a população, num primeiro momento, delega às figuras simbólicas: as autoridades, os pais, os antepassados, as lideranças locais deveriam dar conta. Mas eles também não sabem dar conta disto ou pelo menos não o fizeram de acordo com as expectativas. As mulheres têm claro que talvez para as pessoas mais simples, a apresentação de uma indenização e mesmo a troca da sua casa simples por outra nova seria muito sedutor e elas vêm isto também como uma espécie de *marketing* do Consórcio para que os outros façam o mesmo.

As mulheres de um certo modo sonham com a “nova” cidade, já que não havia mais saída: ela seria uma cópia da “velha”. Diante da novidade absoluta, assinalada no discurso das mulheres – da singularidade – elas buscam ler o novo com os instrumentos que tinham; em vez de ver, projetam visões, como bem nos alerta a psicologia da Gestalt.²⁵ Esta pe-

25 Psicologia da Gestalt (forma, em alemão) parte basicamente da ideia de que nossa percepção é sempre formada num todo



Foto 5: “Nova” Itueta (2012; Fonte: Google Earth).

quena frase – “o grupo de moradores solicitou que se mantivesse o traçado da velha cidade” – revela muito do que as pessoas julgavam poder ser a solução. Mudar sem mudar! De um certo modo, isto remete à questão do cemitério: pelo menos quem morre ou morreu não muda! Mas a explicação para a impossibilidade é remetida a algo que à primeira vista é inquestionável: a configuração do relevo. Ele remete ao impossível; mas impossível era também a compreensão delas. Não há uma única frase em todos os discursos em que a mudança pudesse ser para melhor; uns homens até falam de algo, mas dentro de um contraditório: cidade nova para pobres. O filtro emocional da experiência impede que se possa sonhar com algo bom no novo, no diverso.

Diversamente da perspectiva dos homens – pelo menos nos recortes de discursos acima – as mulheres vêm a erradicação das casas vizinhas como uma espécie de desmembramento da cidade. A cidade passa a se configurar como um animal retalhado de

açougue: irreconhecível. E como vimos acima, há de novo uma tendência a deixar a cidade reconhecível: era preciso retraçar as ruas e plantar as árvores. O mesmo se verifica na proposta da Associação, por meio de uma comissão, segundo a qual alguns prédios deveriam ficar para monumentos. Aqui no discurso dos homens – talvez mais prático e viável – estes monumentos seriam “atração turística”, mas no fundo, eles queriam mesmo era guardar uma lembrancinha.

O que mulheres teriam pensado sobre isto? Elas se lembram da retirada dos alicerces. Não é o que está à flor da terra que interessa para elas: é uma rede de coisas escondidas que está em questão; estas redes ainda não receberam nomes, mas são vitais. Como elas perceberam a erradicação das casas como um aniquilamento, como um desmembramento, como uma desfiguração, para elas tudo isto era o fim do mundo. Elas tentam transmitir uma sensação indescritível uma vez que remete a um território em que o próprio espaço termina. Remete a uma duração em que o próprio tempo termina. E diante disto é preciso dar mais um passo. Como? Estamos num velório: “Aquele antigo vizinho não

e com isto, os dados são realçados de um modo intencional de um fundo caótico formando uma figura (contraste figura e fundo) (Dorsch 1976: 421–423).

estava mais lá ... não fazia mais parte da comunidade”. E os mortos estão ainda vivos, mas “não estão mais ali”. Estão num tempo sem tempo, num espaço sem espaço.

Maria lembrou que as demolições tornavam ainda mais expressivo o fatalismo diante da situação imposta pelo Consórcio.

Como a cidade era pequena e todos se conheciam, sempre que um entrasse no escritório do Consórcio, todos sabiam que a negociação estava sendo feita e logo o trator entraria em ação na casa dele. À medida que a demolição avançava gerava um sentimento de que não havia mais nada a fazer. A comissão buscava manter as reuniões mas a demolição do prédio onde funcionava a Prefeitura e a demolição da igreja causou um grande abalo na comunidade.

Neste momento da narrativa de Maria, Paula ressaltou que muitos moradores passaram mal ao verem a demolição da igreja. “Muitos tinham suas vidas fortemente atreladas ao campo religioso e viviam praticamente em função da igreja e suas atividades. Foi traumático para a população que ainda estava na cidade ver a igreja em ruínas”. O estado psicológico da população parecia fragilizado, especialmente quando as explosões se tornaram diárias e na medida em que os trabalhos de demolição avançavam, modificando drasticamente as referências espaciais dos moradores que ainda permaneciam no local.

Paula ressalta que a sensação de estar entre dois canteiros de obras era perturbador: “De um lado, os moradores vendo as falhas ou vazios na vizinhança e a demolição dos prédios de referência de toda a população da comunidade; de outro, a nova cidade, que se fazia realidade a cada dia, longe do rio e sem os trilhos do trem”, já que os trilhos não passariam dentro da “nova” Itueta e nem mesmo se manteria a velha estação.

Neste ponto da narrativa, as doceiras Bernadete e Júlia relataram a grande tristeza sofrida com a perda da estação. Sem o local para a venda dos doces produzidos, Bernadete sentenciou: “A vida acabou”. A impossibilidade de retomar a produção dos doces não se dava apenas em função da demolição da estação mas também pelo novo arranjo das casas ofertadas pelo Consórcio. A cozinha pequena não permitia a atividade das doceiras que, em função de rixas e concorrências, não aceitaram trabalhar juntas numa cooperativa, cujo espaço fora construído pelo Consórcio.

Um ponto que chamou a atenção foi narrado por Júlia: a solidão sentida na “nova” Itueta. O motivo do estado de solidão foi então esclarecido: “na transferência os moradores não mantiveram as antigas vizinhanças já que as casas foram negociadas

de acordo com os valores de avaliação”. Torna-se claro que o motivo da solidão não foi outro que um processo de isolamento na multidão. É o isolamento pelo anonimato.²⁶ As pessoas se sentiam e se percebiam estranhas e não mais vizinhas.

Em outras palavras, na “velha” Itueta, a população foi se apropriando do espaço e transformando-o à medida que a rede urbana ia crescendo e ganhando novos contornos: podemos chamar este processo de territorialização de crescimento orgânico. “Na nova Itueta foi diferente. O consórcio construiu grupos de habitações seguindo as faixas de valores. Assim, quem tinha uma casa no valor de X se estabelecia no bloco de casas desse valor na nova Itueta. No momento da transferência ninguém sabia do paradeiro do vizinho”. Aqui nem podemos falar de crescimento, temos simplesmente uma ideia posta em prática segundo a qual as pessoas possam ser classificadas e reduzidas a partir do valor de suas casas.

Há por trás disto, um modo de ver a cidade como um depósito de gente, e não, como as mulheres deixaram claro acima: a cidade é um mundo, um cipal de redes que em alguns momentos emergem à superfície mas na maior parte do tempo, está imersa nos não ditos, nas dimensões não classificáveis. Para o Consórcio a cidade é: ricos com ricos e pobres com pobres para evitar confusão. De um certo modo, o Consórcio não lidou em momento algum com a ideia de singularidade: o que ele tinha diante de si era um trabalho, uma obra a ser executada como tantas outras. Para ele nem de longe isto era uma novidade, algo insólito. Pode ser que para ele – a exemplo do que Scott constatou nas ajudas ineficientes dos governos para as situações de catástrofes e o fracasso das cidades cientificamente planejadas – a surpresa, se é que houve, foi ter que constatar descontentamento das pessoas ante as soluções dadas (Scott 1998: 103 ss.). Afinal, que querem mais: tem asfalto, esgoto, postes, sol, filas etc. Mas as pessoas reclamam: querem festas, árvores, praças, relações, círculos ... Estas coisas uma Empresa não sabe fazer, a não ser que lide com a singularidade. Nisto tudo, nada deixa mais claro o descontentamento e o desconforto – e até a perda das

26 O isolamento não se dá tanto em função da ausência ou desaparecimento de pessoas, mas na mudança do modo como elas passaram a ver-se. Antes eram pessoas em comunidade (nomes) agora, na “nova” Itueta, se tornaram pessoas em sociedade (funções). Nisto está o anonimato, passaram a ser sem-nome. Estudos contemporâneos dão conta também do fenômeno da invisibilidade social de pessoas muito visíveis, que graças a diversos artifícios, como um uniforme ou uma profissão, por exemplo, perdem a visibilidade. Neste sentido é exemplar a experiência de Fernando Braga da Costa estudante que ficou invisível porque virou garí (2004). Sobre a condição de comunidade e de sociedade, ver Tönnies (1947).

referências – do que a exigência da reconstrução 1 x 1 da antiga igreja.²⁷

Posteriormente, todas as mulheres relataram a falta de horizonte e a dificuldade em traçar planos para o futuro e consideraram o aumento do alcoolismo, dos casos de depressão e de suicídio na cidade como um indicativo do trauma sofrido quando da realocação. Fatos que vários informantes relataram mas ainda não se dispõe de dados estatísticos que permitam uma aferição consistente. O processo de desterritorialização descrito pelos nossos informantes revela um desconforto de difícil mensuração e que só pode ser plenamente compreendido se levarmos em consideração o processo histórico de territorialização. No primeiro movimento, de apropriação do espaço e transformação do mesmo em um território capaz de abrigar três núcleos populacionais havia um ponto em comum que facilitava a dinâmica entre os grupos: todos haviam se fixado articulando famílias que, aos poucos, configuraram a cidade a partir de suas redes e, especialmente, de suas relações sociais (ver Elias 1994).

Conclusão: um amigo nunca mora longe²⁸

Procuramos ler as narrativas – ou pelo menos partes delas – com um olhar mais perspicaz. Para isto, consideramos o que de mais específico esta experiência tem: a sua singularidade. A perspectiva interdisciplinar proposta, buscando nas entrelinhas de um contexto histórico palmilhado de sentimentos, congrega aspectos que estão muito além das fronteiras disciplinares e põe em xeque várias áreas de conhecimento, assim como questiona as definições objetivas dos objetos de cada disciplina. E, se pensarmos que há propostas de outras inúmeras realocações de cidades mineiras num futuro não muito distante, buscarmos uma aproximação com as experiências dos ituetenses é o mínimo que a academia pode fazer. Para se ter uma ideia, segundo ANEEL, em relatório datado de 2008, já existiam somente na Bacia do rio Doce, 7 UHE operando, 21 PCH em operação, 2 UHE autorizadas, 29 PCH autorizadas (13 com licença e 16 sem licença) e outros 72 aproveitamentos em estudo ou em fase de projetos (*Empresa de Pesquisa Energética / Ministério de Minas e Energia* 2008).²⁹

27 As informações dão conta que as pessoas descontentes com a destruição da igreja, exigiram a construção de uma outra cópia exata da antiga.

28 Provérbio africano.

29 ANEEL = Agência Nacional de Energia Elétrica; UHE = Usina Hidrelétrica; PCH = Pequena Central Hidrelétrica.

É claro que num primeiro momento todos concordavam que a erradicação de Itueta traria algum desconforto, por mais que fosse feita de forma cuidadosa. Neste sentido o Consórcio fez algo: disponibilizou psicólogos. Entretanto, a leitura empresarial – como a leitura de Estado, nos termos de Scott – é uma leitura distante: ruas, casas particulares e prédios públicos. Entretanto, não precisa necessariamente ser assim (Scott 1998: 311 ss.). Como temos casas de diversos valores econômicos – e esta é a sua leitura – então serão feitas casas diversas em termos de tamanho. Se o Consórcio tivesse andado ao nível da rua e não voando como um pássaro a grande altitude, ele teria visto outra Itueta. Uma Itueta com gente e vida antes de casas; com relações antes de valores financeiros.³⁰

Os discursos das pessoas projetam a atenção para dois campos: um primeiro mais interno que é o luto pelas perdas e um segundo é uma prospectiva, ainda que um tanto desanimada, de busca pelos amigos, pelas pessoas, pela reconstrução das relações. O desenvolvimento orgânico da cidade se dá em cima de relações. No caso da “velha” Itueta: estação, galpões, funcionários, escolas, igrejas etc., nada foi construído sem pessoas em relação. Assim, também as casas das pessoas: antes de serem lugares de tijolos e telhas, são lugares de relações. Algumas das dimensões destas relações podem até ser conscientes e merecer palavras, mas muitas não são conscientes e as pessoas não têm ainda palavras para falar delas. Dessa forma, quando estas relações são desfeitas, os laços construídos a partir das redes, cada um de seus “nós” que são as pessoas, sofrem os efeitos. Não é preciso muita coisa para se ver que uma cidade – um grupo humano qualquer – não se estabelece ou se constitui pelo simples fato de estar no mesmo lugar, mas se constitui pelo tipo de relações que estabelece (Elias e Scotson 2000).

Ora, a patologia geral que se instalou na “nova” Itueta não é da ordem do econômico – embora isto também esteja presente – mas da ordem das relações. Talvez para as mulheres, mais importante que fazer doces – e nisto a cooperativa poderia ajudar – é manter relações. Para os homens, mais importante que ter um lugar é ter uma praça, um espaço de encontro. Nesta linha de raciocínio, pode-se até admitir a ideia de que a cidade a ser construída – a cidade de tijolos e telhas – até poderia ser assim, mas faltou construir a outra cidade: a cidade feita de pessoas permeada por uma ampla rede de sociabilidade.

30 Para ver no que deu Itueta, pode-se ainda ver no Google Earth que as ruas manhosamente ainda mantêm seus traçados; faltou sal para que tudo desaparecesse. Ver fotos 1 a 5 no Apêndice.

de, marcada por rituais que lhe emprestam sentido e por encontros capazes de mantê-la em sua dinâmica. Há nas falas essa busca em cima de um passado que não volta mais. Mas, veja o quão dramático isto pode ser: as pessoas acham que se construírem uma igreja 1x1, isto é, tal como a antiga, eles vão de novo ter as festas, os encontros, em resumo: a “velha” Itueta de volta.

Não deixa de ser sintomático nisto tudo que raramente aparecem os desconfortos da “velha” cidade. Como diziam os romanos: *de mortuis nil nisi bene* (dos mortos não se fala senão bem), para uma breve referência ao mito dos anos dourados. É um sinal claro no estado de luto em que as pessoas ainda estão. Decorrente disto, o estado de “des-ânimo” que se instala. Qual o futuro? As falas dão umas pistas: elaborar a perda, voltar às relações, *construir urgentemente a praça*, afinal, um amigo nunca mora longe. Caso contrário, o cemitério que ficou lá na “velha” pode se tornar a metáfora da “nova” cidade: um lugar ou cidade de mortos.

Bibliografia

- Almeida, Rogério, e Mayron Régis**
2003 Águas sem Barragens. Campanha interestadual contra a implantação de barragens na bacia Araguaia-Tocantins. São Luís.
- Barros, José d’Assunção**
2011 Teoria da História. Vol. 2: Os primeiros paradigmas – Positivismo e Historicismo. Petrópolis: Vozes.
- Bassanezi, Maria Sílvia C. Beozzo**
1995 Imigrações internacionais no Brasil. Um panorama histórico. In: N. L. Patarra (coord.), Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo; pp. 3–35. São Paulo: FNUAP.
- Bayard, Jean-Pierre**
1996 Sentido oculto dos ritos mortuários. Morrer é morrer? São Paulo: Paulus.
- Bégout, Bruce**
2005 La découverte du quotidien. Paris: Éd. Allia.
- Bermann, Celio**
1992 Energia, meio ambiente e miséria. Os paradigmas da nova ordem. *São Paulo em Perspectiva* 6/1+2: 43–51.
- Burke, Kenneth**
1969 A Grammar of Motives. Berkeley: University of California Press. [1945]
- Castro, Antônio B.**
2001 Itueta. Retrato de uma época. Belo Horizonte: Jard Produções gráficas.
- Certeau, Michel de**
2011 A invenção do cotidiano. Vol. 1. Petrópolis: Vozes. [17ª ed.]
- Cole, Jennifer**
2007 Memory and Modernity. In: C. Casey and R. B. Edgerton (eds.), A Companion to Psychological Anthropology. Modernity and Psychological Change; pp. 103–120. Oxford: Blackwell Publishing. (Blackwell Companions to Anthropology, 4)
- Comissão Mundial de Barragens**
2000 Represas y Desarrollo. Um nuevo marco para la toma de decisiones. Cape Town: Earthscan Publications.
- Costa, Fernando Braga da**
2004 Homens invisíveis. Relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo.
- De Duve, Christian**
2005 Singularities. Landmarks on the Pathways of Life. Cambridge: Cambridge University Press.
- Delgado, Lucília de Almeida N.**
2003 História oral e narrativa. Tempo, memória e identidades. *História Oral* 6: 9–25.
- Dorsch, Friedrich**
1976 Dicionário de psicologia. Barcelona: Herder.
- Elias, Norbert**
1994 A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar.
1998 Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Zahar.
- Elias, Norbert, e John L. Scotson**
2000 Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar.
- Empresa de Pesquisa Energética / Ministério de Minas e Energia**
2008 Relatório de aproveitamentos hidrelétricos da bacia hidrográfica do rio Doce – Avaliação Ambiental Integrada; 16/12/2008. Brasília: Diretoria de Energia Elétrica, <www.epe.gov.br/MeioAmbiente> [16. 12. 2008]
- Fearnside, Philip Martin**
1990 A hidrelétrica de Balbina. O faraonismo irreversível versus o meio ambiente na Amazônia. São Paulo: Instituto de Antropologia e Meio Ambiente. (Estudos IAMÁ, 1)
1995 As restrições ambientais na energia elétrica. In: L. P. Rosa, L. Sigaud, e E. L. La Rovere (eds.) Estado, energia elétrica e meio ambiente. O caso das grandes barragens; pp. 100–115. Rio de Janeiro: COPPE; Editora da UFRJ.
1999 Impactos sociais da barragem de Tucuruí. In: R. Henry (ed.) Ecologia de reservatórios. Estrutura, função e aspectos sociais; pp. 219–244. Botucatu: FUNDIBIO; FAPESP.
- Ginzburg, Carlo**
1989a A micro-história e outros ensaios. Lisboa: Difel.
1989b Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. In: C. Ginzburg, Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história; pp. 143–180. São Paulo: Companhia das Letras.
- Haesbaert, Rogério**
2004 O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Halbwachs, Maurice**
2006 A memória coletiva. (Trad. Beatriz Sidou.) São Paulo: Centauro.
- Holzer, Werther**
2000 Memórias de viajantes. Paisagens e lugares de um mundo. *GEOgraphia* 2/3: 111–122.
- Kohlhepp, Gerd**
1999 Grandes projetos de barragem no Brasil. Problemas ecológicos e sócio-econômicos. *Revista de Estudos Ambientais* 1/1: 50–61.

Le Goff, Jacques

1994 História e memória (Trad. Bernardo Leitão). Campinas: Editora Unicamp.

Lock, Margaret

2007 Unbound Subjectivities and New Biomedical Technologies. In: C. Casey and R. B. Edgerton (eds.), *A Companion to Psychological Anthropology. Modernity and Psychological Change*; pp. 298–314. Oxford: Blackwell Publishing. (Blackwell Companions to Anthropology, 4)

Lowenthal, David

1961 Geography, Experience, and Imagination. Towards a Geographical Epistemology. *Annals of the Association of American Geographers* 51/3: 241–260.

Miller, Peggy J., Heidi Fung, and Judith Mintz

2010 Self-Construction through Narrative Practices. A Chinese and American Comparison of Early Socialization. In: R. A. LeVine (ed.), *Psychological Anthropology. A Reader on Self in Culture*; pp. 193–219. Oxford: Wiley-Blackwell. (Blackwell Anthologies in Social and Cultural Anthropology, 13)

Moret, Arturo de Souza

2006 Campanha popular viva o Rio Madeira vivo. Porto Velho: Instituto Madeira Vivo.

Nicoli, Sandra, e Sueli Siqueira

2012 Território de imigração italiana e emigração de seus descendentes. *Atas 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Governador Valadares: Univale.

Nora, Pierre

1993 Entre memória e história. A problemática dos lugares. (Trad. Yara Aun Khoury.) *Projeto história* (São Paulo) 10: 7–28.

Rappaport, Roy A.

1999 Ritual and Religion in the Making of Humanity. Cambridge: Cambridge University Press. (Cambridge Studies in Social and Cultural Anthropology, 110)

Ricoeur, Paul

1991 O si-mesmo como um outro. (Trad. Lucy Moreira.) César. Campinas: Papirus.

1997 Tempo e narrativa. (Trad. Roberto Leal Ferreira.) Vol. 3. Campinas: Papirus.

Scott, James C.

1998 Seeing Like a State. How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed. New Haven: Yale University Press.

Sigaud, Lygia

1993 Implicações políticas e sociais de grandes projetos hidrelétricos sobre as populações indígenas e camponesas. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Avançados. (Coleção Documentos, 16)

Silva, Maria Manuela de Souza E.

2000 A historiografia descobre a “festa”. *Hélade* 1/1: 38–52.

Tönnies, Ferdinand

1947 Comunidad y sociedad. Buenos Aires: Editorial Losada.

Tuan, Yi-Fu

1974 Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel.

Turner, Victor

1983 Body, Brain, and Culture. *Zygon* 18/3: 221–245.

Webster, Noah

1983 Webster's New Twentieth Century Dictionary of the English Language. New York: Simon and Schuster. [2nd Ed.]

